

Giselle Gubernikoff
Monica Guimarães Teixeira do Amaral
Organizadoras

**ESTÉTICA DO JOGO E DA
CÂMARA:
uma leitura decolonial da imagem
e do imaginário**

Esta obra é financiada com recursos da



APRESENTAÇÃO - ESTÉTICA DO JOGO E DA CÂMARA ESCURA: UMA LEITURA DECOLONIAL DA IMAGEM E DO IMAGINÁRIO

Giselle Gubernikoff
Mônica G.T. do Amaral

A proposta desse livro surgiu a partir da reedição em 2021 de nossa disciplina “Do cinema ao videoclipe: um debate sobre a estética da imagem nas perspectivas benjaminiana, da teoria feminista e do debate decolonial”, que foi oferecida no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades (PPGHDL/FFLCH/USP) por nós, organizadoras desta obra, e pelo professor Diego Reis.

A ideia era justamente estimular os alunos a escrever ensaios e artigos, nos quais pudessem articular suas pesquisas com as ideias desenvolvidas ao longo do curso, desenvolvendo temáticas relacionadas ao programa, como: a genealogia da técnica da montagem e seus efeitos estéticos no cinema; cinema, *choc* póstumo e experiência: um debate entre W. Benjamin e Theodor W. Adorno; arquivos coloniais, silenciamentos, “restos” e identidades racializadas; a teoria feminista de cinema; feminismos negros e decoloniais: em direção a uma estética afro-feminista?; a filosofia da caixa preta e as tecnoimagens - segundo Vilém Flusser; performances afro-diaspóricas e as representações do negro na cultura.

Com base nessa proposta, selecionamos os trabalhos que traziam questões as mais inquietantes, irreverentes e até mesmo insurgentes, como diria bell hooks (2017) a propósito desses temas, muitas vezes avançando para além do que havia sido proposto, o que muito nos agradou. Embora tenham se passado três anos, consideramos que todos os textos eram muito atuais. Acrescentamos ainda um artigo de Mônica do Amaral, em coautoria com dois estudantes de pós-graduação, também militantes do movimento hip-hop, Cristiane Dias e Daniel Tejera, cujos fundamentos remontam a uma pesquisa realizada sob sua coordenação, “Rappers, os novos mensageiros urbanos na periferia de São Paulo: a contestação estético-musical que emancipa e educa” (FAPESP),

pesquisa esta que indicou as bases e que norteou alguns eixos trabalhados ao longo deste curso.

Foi com esse espírito que organizamos este livro, iniciando pela ideia de câmara escura, usualmente associada à fotografia, mas que foi trabalhada no 1º capítulo a propósito do cinema e da arquitetura, e o finalizamos com a imersão na realidade virtual do documentário *Fogo na Floresta* (2017), que trata de uma temática bem atual. A ideia era abordar os impactos subjetivos e sociais da era da tecno-imagem, como sustenta Vilém Flusser (1985,1987), contrapondo-os ao jogo, ou mais especificamente à estética do jogo da imagem e da imaginação, resgatando alguns debates importantes sobre o papel emancipatório do cinema e as reversões possíveis do caráter massificador da indústria cultural. Ao mesmo tempo, foi muito interessante depararmos-nos com artigos que tratam das questões de gênero e de raça, por meio de uma verdadeira desconstrução das imagens, não apenas ocidentais, pois o fazem do ponto de vista dos grupos minorizados afrodiáspóricos, muitos deles recorrendo ao gênero musical do rap, como estratégia de crítica decolonial, contribuindo desse modo para a promoção de uma cultura diversa e pluriversal, como sustentou Nego Bispo (2021).

Apresentamos em seguida a proposição temática de cada capítulo:

O capítulo 1, **Do cinema à fotografia, da fotografia ao cinema: a câmara escura arquitetônica como dispositivo imersivo e intermídia**, de Rosa Bunchaft, parte de sua experiência como artista plástica ao trabalhar com dispositivos precedentes à câmera fotográfica – a câmara escura –, explorando questões de imersão e presença em um discurso feminista inovador.

O capítulo 2 resgata o discurso da socióloga e cineasta Raquel Gerber, que nos presenteia com o seu artigo **“O mito da civilização atlântica”: de Glauber Rocha (cineasta) a Beatriz Nascimento (historiadora e poetisa) em busca da linguagem da descolonização cultural**. Devido à grande importância do filme *Ôri* (1989) nas discussões em sala de aula – filme pioneiro na discussão sobre a questão da decolonialidade no Brasil –, e germe para os desdobramentos teóricos atuais da realizadora Giselle Gubernikoff, parte fundante da realização do mesmo, recorreremos a sua reflexão sobre o mito da civilização Atlântida. Motivada por entrevista com o realizador Glauber Rocha, Raquel Gerber traça uma trajetória que nos leva até o pensamento de Beatriz Nascimento, historiadora, professora, ativista pelos direitos de negros e mulheres. Beatriz Nascimento é a roteirista do filme *Ôri*, e é sua a reflexão que permeia o filme.

A importância do filme *Ôri* é salientada por Robson Gonçalves da Silva no capítulo 3 deste livro, **O ÔRÍ de Beatriz Nascimento e a contribuição do audiovisual para a educação das relações raciais: primeiras reflexões**, que tem por objetivo fazer uma análise do filme narrado e com textos de Beatriz Nascimento, com a finalidade de trazer afro-referências para a educação das relações raciais, servindo de subsídio pedagógico para a educação básica brasilei-

ra. Para o autor, os currículos escolares são desenvolvidos a partir de um viés ocidental há séculos, fazendo da educação um espaço que reproduz o racismo dentro dos ambientes escolares. O filme *Ôrí* traz outro olhar para a história do país, podendo servir de base para a produção de conteúdos pedagógicos de todos os componentes curriculares, possibilitando que se exerça nas escolas uma atuação transdisciplinar afro-referenciada e antirracista.

O capítulo 4, **Do cinema de vanguarda ao videoclipe dos Racionais MC's: uma discussão a partir de Vilém Flusser, Walter Benjamin e T. W. Adorno**, de Mônica G. T. do Amaral, Cristiane Correia Dias e Daniel B Olmedo Tejera, parte das ideias de Vilém Flusser (1985,1987), que anuncia a falência do universo da escrita, dado o predomínio da tecnoimagem na era pós-histórica, alertando-nos para o conseqüente estado de irreflexão e de desumanização do Homem em contraposição à estética do jogo. Estas contradições e ambigüidades apontadas por Flusser são articuladas pelos autores com o debate entre Adorno e Benjamin sobre a função da arte na era da reproduzibilidade técnica nos anos 1930, que é retomado por Adorno nos anos 1960, quando este admite que o filme possa ter um efeito emancipatório. Inspirados nesse debate, analisaremos como o *choc* póstumo propiciado pela fotografia e pelo cinema de vanguarda (Benjamin, 1936) e hoje, pelos videoclipes, emerge como “reposição objetivadora de uma experiência” (Adorno, 1967). E, ainda, como os cenários de declínio da escrita e de emergência das tecnoimagens, ressaltados por Flusser, apontam para a atualidade da ideia de “reversão dialética” para se pensar a “liberdade de se jogar contra o aparelho”, por meio da estética do hip-hop.

O capítulo 5, **O videoclipe de rap entre a indústria cultural e a crítica social: reflexões a partir da obra de Adorno**, de Felipe Alberto da Silva Lopes, tem como objetivo discutir o tema do cinema na obra de Theodor Adorno, partindo da discussão sobre indústria cultural, em sua relação com a regressão da experiência, que é um tema central da filosofia adorniana. Examina dois momentos distintos da obra do autor, no que diz respeito à compreensão do cinema. O primeiro se desenvolve nos textos da década de 40, especialmente no ensaio sobre a indústria cultural no livro **Dialética do esclarecimento** (1985), escrito por Adorno e Horkheimer, e no livro **Minima moralia** (2001). Nesse momento, a tese do autor é que, sob o domínio da indústria cultural, as obras da cultura não estimulam o pensamento autônomo e livre, uma vez que aos sujeitos, quando imersos nas obras, não lhes é exigido nada além de acompanhar o que já está dado. Dessa forma, as obras, em seu conjunto, se tornam afirmações da sociedade existente. Já no segundo momento, entretanto, como no texto *Notas sobre o filme*, da década de 60, Adorno muda sua posição sobre as potencialidades emancipatórias do cinema. Nesse texto, ele aceita a possibilidade de se deparar na arte, cinematográfica, por exemplo, com um conteúdo emancipatório. Propõe-se, neste capítulo, estender esta hipótese

para o videoclipe de rap, fazendo uma leitura específica do videoclipe *Boca de lobo*, do rapper Criolo, para mostrar que, embora tenha ampla circulação e uma grande produção, ele pode ser um exemplo de uma produção cultural que mantém em sua forma uma postura crítica em relação ao caminho trilhado pela sociedade brasileira.

O capítulo 6, **O retorno ao futuro como forma de compreensão do presente do negro no Brasil através da obra de Jota Júnior**, de Laís Fernandes Poza, busca refletir sobre como as técnicas cinematográficas, aliadas aos elementos sonoros das batidas, à escolha de cenários, ao jogo de rimas utilizadas pelos rappers brasileiros nas produções de vídeos expõem as situações de opressões vivenciadas na América pelos afrodescendentes por meio de uma narrativa da história brasileira de um ponto de vista não eurocêntrico. Para isso, propõe-se a analisar a obra audiovisual do rapper Jota Júnior, *Me desculpe por ser negro*, e como o conjunto de escolhas realizadas pelo mesmo revelam e denunciam a maneira como a realidade histórica do Brasil e do negro em particular foi encoberta pelo mito da democracia racial. Por fim, analisa como essas obras possibilitam a construção de um pensamento que se desprende de uma lógica de um único mundo possível e se abre para uma pluralidade de vozes, caminhos e histórias.

O capítulo 7, **Plantar, Regar e Colher: a relação entre arte popular e decolonialidade no documentário Amarelo: é tudo pra ontem**, de E Leandro Lopes Depieri, analisa o documentário *Amarelo: é tudo pra ontem*, de Leandro Roque de Oliveira, popularmente conhecido como Emicida, que registra um show realizado por ele nos palcos do Teatro Municipal da cidade de São Paulo, para o autor, um espaço fortemente elitizado, culturalmente eurocentrado e de negação de uma cultura popular. Para ele, o que representou uma grande conquista não foi só a desconstrução espacial dos palcos do teatro, mas também a própria produção do documentário, que registra aquele momento histórico e pelas características do próprio filme, que evidenciam nossas raízes culturais.

O capítulo 8, **This is America, This is Brasil**, de Gisleide dos Santos, faz uma análise dos clipes do rapper Donald Glover de nome “*This is America*”, e do clipe “E se fosse o contrário”, do rapper brasileiro Djonga, a fim de discutir a importância dos clipes para o combate à violência do Estado contra a população negra, por meio das denúncias contidas nas letras e na construção dos vídeos. A análise ainda levará em conta os casos de violência que aconteceram no Brasil e nos Estados Unidos como o assassinato do homem negro George Floyd, nos Estados Unidos, e do jovem João Pedro, no Rio de Janeiro, dentro da sua própria casa, com base no conceito de necropolítica, amplamente discutido pelo camaronês Achille Mbembe; a ideia é discutir como os vídeos podem ajudar a ampliar a discussão em torno do tema.

O capítulo 9, **Decolonizar as imagens e imaginários: Uma possível representatividade da negritude no audiovisual a partir de um corpo-memória**

com histórias, culturas e subjetividades positivas no videoclipe “ALREADY” da cantora Beyoncé, de Fabiana Rodrigues da Silva, parte do filme musical e álbum visual de 2020, *Black is King*, dirigido, escrito e coproduzido pela cantora norte-americana Beyoncé, que busca suas referências a partir de uma afro-perspectiva e desenvolve uma pedagogia positiva em relação à negritude. Para a autora, a obra aponta para possibilidade de construção de outras narrativas no cenário audiovisual que abram o caminho para “outras possibilidades de ser e existir mesmo em uma sociedade marcada profundamente pelo racismo e genocídio do povo preto”.

O capítulo 10, **A estética feminista e decolonial nas produções audiovisuais brasileiras: um estudo sobre o videoclipe Miss Beleza Universal**, de Bianca Louise Silva Magalhanis, pretende contribuir para as investigações acadêmicas sobre as produções audiovisuais brasileiras, traçando um panorama desse setor enquanto modo de produção cultural, cuja concepção inicial se deu de forma excludente e propiciou a criação dos mais diversos estereótipos em contraposição a outras produções que vieram na contramão, com o intuito de subverter as narrativas até então difundidas. Nesse sentido, a pesquisa destaca o estudo da estética feminista e decolonial no audiovisual como uma ferramenta de caráter emancipatório para grupos minorizados. Para tanto, elege como objeto de reflexão o videoclipe *Miss Beleza Universal*, da cantora afrofuturista pernambucana Doralyce Gonzaga, que traz em sua obra um conceito disruptivo que abarca tanto o feminismo quanto a luta antirracista.

O capítulo 11, **A autodenominação bixa travesty e bixa preta, em blasFêmea | Mulher, de Linn da Quebrada, como a invenção de existir e reimaginação de mundos**, de Marise De Chirico, parte do videoclipe *blasFêmea | Mulher*, da multiartista Linn da Quebrada (2017), para discutir a construção do gênero como um fenômeno cultural, com base no texto de Letícia Nascimento *Transfeminismo* (2021). O objetivo é estabelecer a conexão entre os conceitos de mulheridades, feminilidades, heteronormatividade compulsória e a autodefinição da Linn da Quebrada como bixa travesty e bixa preta. Percorrem abordagens decoloniais das identidades trans, que buscam romper com a harmonia do silêncio cisgênero, que postulam gêneros como naturais e defendem a artificialidade de produção de todas as corporalidades e subjetividades, incluindo a cisgênero (Nascimento, 2021).

O capítulo 12, **Dasípe: O Festar Xerente**, de Maria do Espírito Santo Peireira Soares (Mariah Soares), apresenta a análise do documentário *Dasípe* (lê-se Dassinpê): *O Festar Xerente*, produzido pelo indígena Serekmöröte Akwê Xerente (Edvaldo Sullivan Xerente). O vídeo é uma gravação de *Dasípe*, festa de batismo de crianças Akwê para receberem os nomes conforme os costumes. A produção surgiu a partir da intenção do próprio indígena que desejava filmar uma festa tradicional do seu povo. *Dasípe* foi filmado em 2011, na aldeia indígena Brupkare, no Tocantins, região norte do Brasil.

E o capítulo 13, **Imersão e construção de empatia: *Fogo na Floresta*, filme em Realidade Virtual de Tadeu Jungle**, de Ivan Soares David, concentra-se na reflexão sobre a aplicação da tecnologia em 360 graus para o registro de imagens em movimento na área da Antropologia Visual. Discute sobre como os recursos de Realidade Virtual (RV) podem ampliar a capacidade de documentar e representar a realidade de uma comunidade com o mínimo de interferência. Demonstra-se como esse poderoso recurso de captação de imagens pode ser aplicado aos trabalhos de campo na produção de documentários etnográficos, ampliando significativamente a sensibilidade observacional dos pesquisadores. Esse é o caso do filme tomado como referência, *Fogo na Floresta* (2017), um documentário em Realidade Virtual realizado pelo artista multimídia Tadeu Jungle, coprodução entre o Instituto Socioambiental (ISA) e a Academia de Filmes.